

Como não pensar na violência causada à vida de milhões de seres humanos, especialmente crianças, constringidas à miséria, à sub-nutrição e à fome, por causa da iníqua distribuição das riquezas entre os povos e as classes sociais? Ou na violência inerente às guerras, e, ainda antes delas, ao escandaloso comércio de armas, que favorece o torvelinho de tantos conflitos armados que ensanguentam o mundo? Ou então a sementeira de morte que se prova com a imprudente alteração dos equilíbrios ecológicos, com a criminosa difusão da droga, ou com a promoção do uso da sexualidade segundo modelos que, além de serem moralmente inaceitáveis, acarretam ainda graves riscos para a vida? É impossível registar de modo completo a vasta gama de ameaças à vida humana, tantas são as suas formas, abertas ou camufladas, de que se revestem no nosso tempo.

Por outro lado, para combater o aborto não serve apenas a lei que o incrimina (apesar da sua importância), servem também medidas de política social de combate à pobreza e de apoio à maternidade e à família. Também este aspecto não é ignorado pela *Evangelium Vitae*. Depois de se aludir à crise de cultura e de valores que explica a difusão do aborto, aí se afirma (n. 11)¹⁵:

A isto, vêm juntar-se as mais diversas dificuldades existenciais e interpersonais agravadas pela realidade de uma sociedade complexa, onde frequentemente as pessoas, os casais, as famílias são deixados sozinhos a braços com os seus problemas. Não faltam situações de particular pobreza, angústia e exasperação, onde a luta pela sobrevivência, a dor nos limites do suportável, as violências sofridas, especialmente aquelas de que são vítimas as mulheres, tornam por vezes exigentes até ao heroísmo as opções de defesa e promoção da vida.

Na verdade, e em conclusão, não consigo encontrar exemplo mais perfeito de uma visão unitária, integral e coerente da doutrina social da Igreja, e de uma visão completa e equilibrada da causa dos direitos da pessoa humana, do que a testemunhada pela acção e pelo ensino de João Paulo II.

¹⁵ O *Evangelho da Vida*, p. 23.

1. Introdução

Este documento não é a síntese de nenhuma tese, não é um código, não é doutrinário, não é conclusivo. Não reflecte a posição de mais ninguém (grupo ou indivíduo) além do autor num dado momento da sua vida. Terminado o Mestrado, em desenvolvimento do Doutoramento, o autor não é um Cientista, na mesma medida em que ainda não tem o Casamento consumado (apesar de estar ligado civil e religiosamente pelos laços do Matrimónio com a Dr.^a Maria Teresa e de ser pai legítimo do António José, este sim, com a saudável curiosidade científica de 5 meses, olhando para tudo maravilhado¹). O autor não é um Cientista na mesma medida em que não tem o Baptismo satisfeito (apesar de estar inscrito no livro paroquial dos Baptizados). Cientista, casado, baptizado – são atributos que se ganham ao longo da vida e não em momentos únicos (como a defesa pública de uma Tese de Doutoramento, a Celebração do Matrimónio ou do Baptismo) num único dia. Melhor referindo, vai-se sendo: Cientista, casado, baptizado.

Curiosa sugestão de reflexão apresentada aos cientistas, partindo dos tradicionais sete pecados capitais, que afectam os cientistas também na sua prática, como erros mais pessoais que metodológicos. Discorrendo sobre o método científico, a comunidade científica e a vivência quotidiana dos cientistas – sobre a Ciência –, propõe-lhes oportunidades reflectidas de desenvolvimento de procedimentos profissionais, convites ao aperfeiçoamento.

¹ -Tudo era muito bom. Cf. *Génesis*, 1,31.

* Departamento de Economia, Escola de Economia e Gestão da Universidade do Minho, Campus de Gualtar, Braga. Uma versão preliminar deste trabalho foi preparada para discussão na disciplina de «Globalização e Interdisciplinaridade», leccionada no Mestrado em Ética Social Cristã na era da Globalização, da Universidade Católica Portuguesa, no ano académico de 2005/2006. Graças ao contributo crítico dos Mestrandos, foi possível incluir modificações que configuram esta versão deveras aperfeiçoada. No entanto, qualquer limitação deste trabalho é da minha inteira responsabilidade.

² Extravassando uma complexa discussão em torno de «Pecado», o termo recorrente neste trabalho apela ao sentido de erro, falha relacional, lacuna pessoal. Para Santo Agostinho, «O pecado é toda a acção, palavra ou coisa contra a Lei Eterna». Grego, enquanto católico, que esta é uma Lei de Amor, em Amor, para o Amor. E o que é o Amor? Tão só o desejo do Bem. Para uma referência actualizada em redor do «Pecado» enquanto objecto de estudo, proponho J. Delumeau, *O pecado e o medo – a actualização no Ocidente (séculos XIII-XVIII)*, São Paulo, EDUSC – Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2003.

³ Confirmar, por exemplo, em <http://www.filosofia.catolico.org.br/ciencia.htm> (em 10 de Janeiro de 2006).

⁴ Cf., em particular, C. Giger, *Errors in science teaching*, C. W. Bardcen, 1990; J. Powell e L. Kolakowski, *Truth and Error or the Science of Intellection*, Open Court Publishing Company, 1985; D. Mayo, *Error and the Growth of Experimental Knowledge*, Chicago, University of Chicago Press, 1996.

⁵ Ainda que os Pecados não sejam só sete, foi muito comum, sobretudo no catolicismo, assim enumerar os principais comportamentos persistentes dos homens que provocavam mal-estar social e rompimento com Deus, sobretudo desde São Boaventura e, posteriormente, com São Tomás de Aquino que, cuidadosamente, se debruçou sobre a matéria na *Suma Teológica*. Já na Cultura Clássica, autores como Aristóteles haviam focado o tema recorrendo ao termo de *vícios*, enumerando-os em sete classes. Neste trabalho, também se reconhece que os Pecados dos Cientistas não são só

No entanto, o autor reconhece que mentiu com o título. Porque a Ciência, em si, não tem pecados². Os antigos gregos representavam-na enquanto protegida das musas, filhas de Zeus e de Mnemosine, a Memória, portanto, divinizada.

Mas, ultrapassando essa imagem idealista, a Ciência, enquanto conjunto de conhecimentos sistematicamente organizados, com um determinado objecto de estudo³, tem tantos pecados como um martelo, uma caneta, um computador ou uma escultura paleolítica. Os homens, que vivificam todos estes objectos, os Cientistas que movem a Ciência, podem pecar. Não digo só errar porque todos eles reconhecem, debatem, especulam, corrigem, apontam, constróem e procuram o Erro, enquanto princípio motor do avanço da Ciência. Há obras interessantíssimas sobre estas matérias, como as Gager, Powell e Kolakowski ou Mayo⁴.

Quando refiro (enquanto autor) que eles pecam, quero dizer que são homens, nem anjos nem demónios, nem príncipes encantados nem ogres, nem vedetas nem falsidades, nem Zeus nem Adamastores – existem, vivem, pecam. Como nós: nem mais nem menos. Nem mais nem menos que o merceiro, o soldado, o compositor, o agricultor, o sacerdote, o preso, a enfermeira, a professora, o pai, a avó, a tia e o sobrinho.

Como tal, nada melhor que divagar do que julgo conhecer (*confessar*). Para o efeito, recorri, comodamente, a um elenco de vícios capitais (Soberba, Avareza, Luxúria, Ira, Gula, Inveja e Preguiça), desenvolvido entre as Secções 2 a 8, e que tem ajudado muitos homens e mulheres a ultrapassar pequenas e grandes limitações, a torná-los melhores em todas as dimensões da sua vida⁵.

Porque, convém lembrar, os cientistas, às vezes, não só erram – também pecam.

2. A Soberba

Começo por recordar uma Sessão Paralela num painel de conferências. Havia um cientista que estava a expor o resultado do seu trabalho e que, espontaneamente, entrecortava o dis-

curso com tiradas humorísticas. Tudo parecia estar a correr bem até ao momento fatídico: um Professor Catedrático, no final da exposição, na altura destinada à colocação de questões ou de sugestões pela plateia, realizou uma observação que, a ser devidamente atendida numa revisão do trabalho, poderia muito bem modificar estruturalmente a conclusão colocada em público. O conferencista observado agradeceu a sugestão mas, mais tarde, no nosso grupo mais restrito, confessou o amuo pelo reparo.

Este quadro é extremamente sugestivo do que chamarei de «soberba» dos homens e mulheres da Ciência.

Tradicionalmente, a «soberba» é representada como «o enfatuamento e vaidade», a «auto-suficiência que é cega para os outros»⁶. Quando alguém é soberbo, está sempre acima dos outros e nada deve aos outros. Nos casos mais atípicos, quase a raia o desequilíbrio psíquico, Deus nada pode contra o soberbo e o soberbo pode tudo, sabe tudo, faz tudo – e muito mais!

Cientificamente referida, a soberba tem várias etapas e uma manifestação radical.

Começamos por esta última – em Ciência, o soberbo idolatra a sua verdade, a sua razão, o seu método científico, o seu conceito de Ciência, os seus instrumentos científicos, as suas técnicas científicas. Para construção do nicho de devoção do seu deus, o soberbo reveste-o de enfeites variados: refuta críticas alheias espontaneamente, foge da crítica de qualquer natureza e, perante o trabalho alheio, é céptico, super-céptico, ultra-céptico. Sobrevaloriza-se e desvaloriza o outro.

No documento *Fides et Ratio*⁷, João Paulo II reconhece que não é papel da Igreja oficializar correntes do pensamento, mas que esta, cumprindo o papel de Mãe, deve apontar lacunas nas estruturas das correntes de pensamento de modo a evitar a petulância dos homens. No referido documento, algumas correntes de pensamento são apontadas como tendo sido alvo de críticas graves na História da Igreja. Entre elas⁸, situam-se o cepticismo, o positivismo e o empirismo.

sete, mas que, respondendo a necessidades de agrupamento comportamental, foram usadas as categorias e a dimensão numérica que o catolicismo desenvolveu.

⁶ Consultar A. Oliveira, *Retiro da Cidade de Deus*, Livros RTP n.º 91, Lisboa, Verbo, 1972.

⁷ João Paulo II, *Fides et Ratio*, 1998, disponível a partir de <http://www.vatican.va>.

⁸ Consultar, para um estudo mais detalhado, os artigos compreendidos entre o n.º 45 e o n.º 63 da *Fides et Ratio* (1998).

Para se perceber um pouco dos fundamentos por detrás destas correntes, proponho algumas leituras de Annas e Barnes, Deleuze e Boudias ou Laudan⁹.

Condensando as observações, podemos reconhecer que a grande preocupação que se deve ter com posturas cépticas, positivistas ou empiristas localiza-se no perigo da tal idolatria/absolutização de elementos parcelares (passe a redundância) da Ciência, respectivamente, a dúvida, a observação e o teste. Por isso, desde etapas remotas da escolaridade (geralmente, a partir do 2.º ciclo do Ensino Básico) que o procedimento gerador de Ciência (método) é resumido como comportando várias etapas: Problema, Hipótese, Teste, Discussão e Síntese. Absolutizar uma destas etapas é, pois, redutor para a Ciência e enviesador para o Cientista.

Ao invés, se as e os Cientistas cultivarem um propósito de abertura ao outro, aceitando quer as suas críticas quer o suor do seu trabalho, no fundo, uma postura de Humildade, aí a Ciência avança. O melhor espaço é o debate científico – mas um debate onde todos participem com espírito de dádiva e de acolhimento, não de sobrançeria ou de rancor. Como na lenda indiana, o boi caiu ao poço e precisamos da força de todos para o trazer à superfície – se cada um puxar para seu lado, quebramos-lhe os ossos; se ninguém puxar, o animal fenece.

3. A Avareza

Muitas vezes, entro num café e, por acaso, olho para a televisão. Por vezes, além do habitual, a televisão transmite um comentário técnico sobre determinado fenómeno, um debate com dois ou mais cientistas ou, mais raramente, uma determinada explicação académica.

Quase sempre, me irrita. Porquê? Porque, quase sempre, o senhor-dono-do-comando-televisivo olha para a televisão, torce o nariz e sentença: «Isto não se entende». Ou «O que é que isto serve para a minha vida?» E, quase sempre automaticamente, muda de canal. Eu, que até estava a gostar, fico a azedar a bica tomada.

Este tipo de episódios, ao contrário do que poderão pensar, não mostra a tacahez intelectual do senhor-dono-do-comando-televisivo. Mostra, sobretudo, a falta de contacto entre o homem comum, não-cientista, e a humanidade cientista.

A Ciência trabalha com modelos. Como nós, condutores, trabalhamos com mapas. Um mapa tão pormenorizado como a realidade perderia a relevância prioritária de informador sintético, de referencial. Também os cientistas produzem, reproduzem e manipulam modelos para melhor compreenderem os fenómenos, marcas da realidade, sinais do Tempo.

Mas um Cientista que absolutize, que idolatre um ou outro, ou mais do que um, ou qualquer modelo, está a afastar-se progressivamente do seu fim último e a dar cada vez mais razão ao senhor-dono-do-comando-televisivo.

É comum dizer-se «A vida não é só trabalho». E é verdade. Trabalhamos para nos realizarmos, individualmente e socialmente. Trabalhamos e merecemos o fruto, a recompensa, o reconhecimento pelo trabalho. E parte desse reconhecimento, trazido em moeda – o rendimento –, destina-se a suprir as nossas muitas necessidades. Por norma humanamente justa, quem muito trabalha, muito deve receber. Logo, se trabalha mais ou melhor, ou mais e melhor, mais deve receber.

Mas se só trabalhamos para muito ter ou para muito receber, corremos o risco de nos tornarmos avaros, passando a prezar mais o rendimento, o património ou a fortuna do que o trabalho em si. E passamos a querer mais ao trabalho do que à própria Vida, trabalho visto como meio de obtenção desses bens (que não são necessariamente monetários mas também assumem outras formas como o prestígio social e o poder hierárquico).

Por isso, uma Ciência verdadeira aceita a máxima «A Vida é sempre maior do que qualquer outro termo de comparação». Uma Ciência verdadeira não aglutina o ser humano, não o escraviza, não o possui.

Todos os verdadeiros Cientistas têm momentos de imperitável, super-eficiente e grandiosa concentração – esse é tempo de verdadeiro Trabalho. Mas todos eles (e não põem

⁹ J. Annas e R. Barnes, *The modes of scepticism – ancient texts and modern interpretations*, Cambridge University Press, 1985; D. Deleuze e C. Boudias, *Empiricism and subjectivity*, Columbia University Press, 1991; L. Laudan, *Beyond Positivism and Relativism*, Westview Press, 1996.

isso na agenda) têm tempo para a família (próxima e afastada), para os amigos, para os alunos, para o passeio, para atividades culturais e até (pasmese) para Deus! Mais ainda, o dia deles tem 24 horas e três quartos dos seus anos só têm 365 dias!

Essas verdadeiras e esses verdadeiros Cientistas gozam de uma qualidade – a liberalidade. E quanto mais a manifestam, mais verdadeiros Cientistas se tornam. Sabem que o tempo deles, o trabalho deles, os seus dons, não são monopolisticamente deles – são dons ao serviço de todos. Sabem ainda que além das elevadas capacidades intelectuais, têm uma boca para sorrir, uma voz para saudar, mãos para brincar, corpo e espírito para convívio.

Porque, como no provérbio árabe, um filho pode sobre-viver sem um tesouro amanhã, mas nunca sem um pai.

4. A Luxúria

O meu avô materno tem um macho. Para quem não sabe, o macho é um animal equino que, não sendo tão nobre como um cavalo, é tão ou mais forte do que ele, e, humildemente, ajuda imenso na lavoura. O macho é um animal habituado a trabalhar. Mas, por vezes, o meu avô não o pode soltar: ou porque está chuva e seria um desperdício, ou porque o meu avô tem outras prioridades, ou porque mil e uma razões prováveis se registam. Se o não soltar durante um ou dois dias, a situação não degenera. Se não o soltar por mais dias, a situação piora deveras. Porquê? Porque o macho assume a nova condição de pasmaceira como normal e, quando chamado a laborar, recusa-se determinantemente, senão mesmo revolucionariamente, prometendo agredir quem o puxar. Como se diz, então: «está luxuoso!»

Luxo tem raiz etimológica próxima da Luxúria que, em português, associamos facilmente a um grande apetite (Oliveira classifica-o como desordenado¹⁰) por prazer corporal. Que o nosso corpo sinta prazer não vem mal ao mundo. Já não me refiro unicamente ao prazer partilhado por dois

amantes mas também entra na catalogação de prazer corporal a satisfação natural sentida quando abraçamos alguém, quando cumprimentamos com um aperto de mão, quando beijamos uma pessoa amiga, quando irradiamos e recebemos o prosaico «calor humano» de uma reunião de homens e mulheres com projectos comuns. A meu ver, o que começa a ser mais especial, mais invulgar, é a situação de quem vive só para o prazer corporal.

Não creio que nasçamos, ao contrário dos pessimistas, para sofrer. Mas reconheço que o sofrimento, a doença e a cruz, por exemplo, fazem parte integrante da nossa vida, da mesma forma que o júbilo, a saúde e a aleluia.

Também a Ciência não é feita só de Prémios Nobel, de muitos aplausos e reconhecimento crescente. A Ciência não é sensacionalismo.

Uma forma de sinalizar a investigação realizada pelos Cientistas localiza-se no rol de artigos publicados em jornais da especialidade. Ao contrário de um diário que compramos habitualmente, os artigos presentes nos jornais da especialidade reflectem o esforço de redacção do conjunto de autores sobre um projecto de investigação desenvolvido, esforço avaliado geralmente por dois especialistas convidados pelo jornal que, anonimamente, desconhecendo a identificação dos autores, autorizam ou não a publicação dessa redacção.

Por vezes, mesmo os Cientistas com um grande conjunto de publicações, após submissão de algum artigo a um certo jornal da especialidade, recebem uma «má» notícia: o artigo foi recusado. O relatório que surge em anexo aponta sobretudo as faltas maiores, erros graves metodológicos, a pouca relevância das conclusões, etc., etc. E esse cientista, se ainda é jovem, tende a sentir-se entristecido, na medida em que o esforço de tantas horas, reflexo de diversos sacrifícios individuais, parece, jocosamente, escarnecido. E sente-se desapontado e alguns, perante as primeiras recusas, pensam em mudar de vida.

Não o façam! A Ciência precisa de todos. No lugar do desânimo, respondam com a pureza do vosso esforço. Não foi

¹⁰ A. Oliveira, *Roletiro da Cidade de Deus*.

bem aceite por aquele jornal – saibamos aceitar a recusa. Depurando a crítica recebida, que mensagem podemos aproveitar? Que melhorias podemos incluir? Não tenhamos medo de reescrever diversas vezes uma página – se perguntarmos aos profissionais de comunicação, jornalistas, escritores, cientistas, todos nos dirão que muitas vezes esvaziaram caixotes do lixo cheios de papéis rasurados com mensagens que não exprimiam idealmente o pretendido, que recorreram muitas vezes ao «delete» do computador. Pintores pintaram e retocaram muitos quadros, várias vezes. Compositores rasgaram imensas partituras até atingirem a composição final de alguma sinfonia. É uma cruz? É.

Mas lembremo-nos do princípio da castidade científica. Em analogia, o corpo não é o fim último da Vida. Também o fim último do Cientista, não é a Ciência concluída (imagem absurda) mas a Ciência em movimento. Mesmo que a investigação seja reconhecida nalguma publicação, jamais devemos dá-la por terminada, enterrada, sepultada, ponto final. Não! Devemos expô-la continuamente, assim como as próprias revisões, à crítica da comunidade no geral, aperfeiçoando a nossa visão e o nosso parecer.

Lembremo-nos desta lição da astronomia: certas estrelas explodem, irradiam uma luz muito intensa e morrem. Para nós, terráqueos, mais importante que o super-brilho dessas estrelas longínquas, é o brilho diário do Sol, sem essa intensidade, mas que, diariamente, cumpre o seu trabalho.

5. A Ira

Certa ocasião, participei num determinado Encontro Científico. Como sempre, após a apresentação dos trabalhos, existe o momento em que os ouvintes têm a possibilidade de intervir, questionando sobre dúvidas, sugerindo alternativas de revisão, desejando, no geral, saber mais e partilhar o seu próprio conhecimento sobre a matéria. À partida, era essa situação que se verificava, se alguém caísse do céu no exacto momento em que uma ouvinte (de um dos trabalhos), co-autora de outro,

expunha as suas dúvidas. Era isso que parecia. E algumas pessoas, mais desatentas, julgá-lo-iam. Mas o que me pareceu foi diferente. O que me pareceu foi que essa senhora, através de um lindo sorriso, de uma voz encantadora, de palavras diplomáticas, estava, pura e simplesmente, a rasgar, oralmente, o trabalho de outrem, a pisá-lo, a gozá-lo.

Vem este episódio a propósito da «ira científica». Porque os cientistas também se irritam e, depois, também se arreliam e, depois, também lhes falta a paciência e, depois, como o comum dos mortais, perdem a cabeça. A ira tradicional mais não é do que o desejo realizado de destruição. Destruição de impérios, de povos, de religiões, de culturas, de eras. Destruição do outro ou do que é do outro. Do seu trabalho, da sua casa, da sua vida, da sua família, da sua reputação.

Se, por um lado, podemos associar a «ira científica» à imagem, quase imediata, de grandes confrontos ideológicos entre personalidades da comunidade científica, lembrando as querelas sofistas, que, podem, por vezes, parecer raiar a falta de delicadeza e do respeito indiscutível que qualquer ser humano merece de outro ser humano, associo sobretudo a «ira científica» à vontade de estragar, de desprezar eminentemente o labor alheio.

A Crítica (com maiúscula) é um instrumento de comunicação. Assim como uma caneta. Assim como a electricidade é uma manifestação de energia. Assim como a lei da gravidade é uma constatação. Assim como a lei da oferta e da procura é uma lei social. Em si, esses elementos não são bons nem maus. Mas o Homem, com a sua acção, usa esses instrumentos para o Bem ou para o Mal. Quando critica para destruir, quando escreve para magoar, quando electrocuta um condenado, quando larga (como Ivan, o Terrível) gatos das muralhas de um castelo, quando açambarca produtos para provocar fome e preços mais altos, decerto não está a agir bem. Mas, se com os mesmos instrumentos, critica para melhorar (a história da verdadeira e honesta «crítica construtiva»), quando escreve para levar esperança, quando electrifica as localidades remotas, quando constrói tendo em conta o terreno, quando

aumenta o número de ofertantes de um mercado para promover o bem-estar social, aí já está a dar um bom uso a esses instrumentos.

Assim, o homem irado é sobretudo o que desvirtua os instrumentos ao seu dispor, usando-os para a morte, para o extermínio, para a destruição, no lugar de fazer das espadas arados de paz. O cientista irado procura destruir: a opinião do outro, o prestígio do outro, o trabalho do outro. Se tem que avaliar algum texto do outro, quase sadicamente, o cientista irado reprova o texto. Porquê? Pode dar uma miríade de razões poderosas (na fábula de La Fontaine, o lobo encontra sempre resposta para justificar o cordeiro), mas, no fundo, ele é prisioneiro de algum recalçamento, de alguma guerra consigo, com os outros, com Deus, com o mundo, com o clube adversário, com a vizinha do andar em frente, com os filhos da vizinha, com a namorada ou com a mulher (recordo que, quando me refiro, ao cientista jamais estou a excluir as prezadas cientistas).

Pelo contrário, os Cientistas verdadeiros são pacientes para com o outro. Têm prazer em dialogar, partilhando, sobretudo, opiniões diferentes, com os outros. Aceitam a diferença dos outros: o seu maior ou menor número de publicações, o seu maior ou menor prestígio, a sua maior ou menor simpatia, a diferença de idade, de clube desportivo, de religião, de partido político, de preferência por animais de estimação, de perfume, de restaurante, de marcas de roupa, de cilindrada do carro e, sobretudo, de Erro. Na realidade, é bom lembrar, todos erramos, uns mais e outros menos, e essa diferença deve ser aceite. Não para que os que menos erram se sintam ufanos (entenda-se, vaidosos), mas para que, partilhando os erros de todos, todos possam ultrapassar o erro.

Como na fábula do mandarim, que mal tinha partir o sinete? Partiu-se e o mandarim morreu. Também, quando olhamos para o trabalho de alguém, não devemos desprezá-lo: podemos estar a destruir os sonhos dessa pessoa que, por sua vez, alimentariam os sonhos de muitos mais.

6. A Gula

Sobre este tema, dois episódios me rodeiam. O primeiro respeita a uma advertência que um Professor, certo dia, nos fazia. Que quando citamos um livro traduzido, originalmente escrito numa língua diferente da nossa, devemos incluir, nas referências finais do nosso trabalho, não só o nome do conjunto de autores, o ano de edição estudada, o título, a editora e o local de edição, mas também o nome do tradutor, seguido dos elementos de edição original (no outro país). E isto porquê? Porque, como nos grandes *best-sellers*, muito do sucesso alcançado fica a dever-se ao papel anónimo, praticamente imperceptível pelo consumidor-devorador, do conjunto de tradutores que trouxe a obra para públicos mais latos.

O segundo episódio está relacionado com algumas notícias que leio nos jornais desportivos. O clube de minha dilecção ganhou. Ótimo! E fico a saber que «tudo se ficou a dever ao jogador XXX». Que desilusão! E eu a pensar que tinha sido a minha equipa a vencer o desafio, fruto do contributo de todos os jogadores, do conjunto de técnicos, de dirigentes e funcionários do clube... Pelos vistos, pensava mal!

Em comum, estes dois episódios têm uma dissociação entre prémio e esforço. No primeiro, o autor do *best-seller* (e sobretudo as editoras) detêm os louros maiores, praticamente esquecendo (social e monetariamente) os tradutores. No segundo, uma pessoa mais ingénua pode ficar a pensar que o jogo se travou entre o jogador XXX e toda uma equipa adversária.

Mas também na nossa vida quotidiana, na qualidade de consumidores finalíssimos de bens e serviços, esquecemo-nos de quem nos traz o que comemos, bebemos e do que nos servimos. Devido a esta associação de solidariedade, procuro, por exemplo, discretamente, no final de cada refeição, refletir sobre o conjunto de pessoas anónimas que me colocaram o pão na mesa: desde o agricultor, passando pelo ceifeiro (ou condutor da ceifeira mecânica), pelo embalador, pelo refi-

nador, pelo padeiro, pela empregada da padaria, pela empregada do restaurante (ou pela minha mulher), pela cozinheira (ou pela minha mulher), pelo sergente de mesa (ou por mim ou pela minha mulher). Julgo que, como autêntico glúteo-consumidor final, o mínimo que lhes posso desejar é bem e por isso, desejo do mais profundo do meu ser que passem todos eles um rico dia, assim como a família deles, e peço-o numa breve oração mental que solicito ao meu Anjo da Guarda (outro bom transportador) que leve ao Destinatário maior.

No fundo, procuro refrear o meu apetite por conforto, reconhecendo todos aqueles que contribuem para o mesmo bem-estar. Caso contrário, estaria a tornar-me num autêntico guloso, que julga poder servir-se de tudo, que julga poder devorar tudo, vivendo para comer e, não (como nos aconselham os nutricionistas) comendo para viver.

Na Ciência, a Gula pode observar-se em várias situações. Desde logo, e recordando o sinal da dissociação entre prémio e esforço, pode observar-se quando, num artigo de vários autores, por exemplo António, Bernardo, Carlos e Duarte (2005), só nos reportamos a António e outros (2005), esquecendo o Bernardo, o Carlos e o Duarte. O António não terá culpa mas, pouco a pouco, fica dono e senhor do artigo e do trabalho reflectido.

Também como não vivemos para comer, o Cientista também não vive (só) para Prémios e Aplausos, para o Fácil e Agradável. O Cientista temperado não se eleva sobre as nuvens depois de ser agraciado com algum Prémio assim como não se abate se este não aparecer. Em ambos os casos, doseia a sua própria manifestação, de modo a continuar, calmamente, o seu trabalho. Face a algum reconhecimento, o Cientista temperado sente-se estimulado no seu desempenho e, sobretudo, no contínuo aperfeiçoamento do seu trabalho. Perante alguma crítica, como também já se referiu, o Cientista temperado (não glúteo) não se entristece porque faltou vinho na mesa ou porque a comida está insofista, mas aproveita esses momentos para se sentir ainda mais estimulado a aperfeiçoar o seu esforço e a contribuir para uma refeição com mais ale-

gria. Assim como há fome no mundo ao lado do nosso consumismo (Lázaro estava à porta do rico), também existem muitos Cientistas com fome (não só de pão, ou sede não só de água...) que deveriam calar muito da nossa «gulosa» intemperança.

Finalizo este tema com uma história. Certo missionário passou vários anos junto de uma população africana. A habitação inicial, sobretudo à comida, foi difícil. Porque o prato, dia e noite, noite e dia, era sempre o mesmo, parecia sempre o mesmo, feito pela mesma pessoa. Mas surpreendeu-se quando verificou que, na generalidade, aquelas pessoas comiam satisfeitas, até com um brilhinho nos olhos. Mais tarde percebeu que elas não se reuniam para comer mas que, aproveitando a necessidade humana, se reuniam para conversar e partilhar os dias. Nem davam pela falta de sal, como ele me disse.

7. A Inveja

Quando me decidi a propor casamento à minha mulher, muitos me disseram: «É uma loucura». Quando, depois de ela aceitar, começámos os preparativos para a cerimónia religiosa e o copo-de-água, muitos continuaram a dizer-me: «É uma loucura». Tenho quase a certeza que, ainda hoje, independentemente dos anos passados, muitos deles ainda pensam: «É uma loucura».

Porquê? Porque, segundo esses meus amigos, casar é uma loucura, considerando as carreiras, o custo de vida, o alargamento da família, a instabilidade laboral, o Terramoto de 1755, as Invasões Francesas, a Guerra das Estrelas, o Darth Vader e «os dias de hoje». Segundo eles, só se deve casar quem adquiriu determinado patamar de estabilidade na vida que garanta determinado patamar de bem-estar ao casal e, depois de muitos anos (segundo eles e elas), aos filhos (um talvez, dois muito raramente, três ou mais é motivo de internamento psiquiátrico do casal).

Respondia-lhes, frustradamente, com a constatação que, de há 10.000 anos a esta parte, o ser humano tem vindo a aumentar gradativamente a idade de celebração do primeiro casamento devido a uma sede ilusória de conforto¹¹. Quer isto dizer que hoje, um solteiro activo e até mesmo alguns desempregados vivem, em média, com um património muito superior ao património conjunto dos avós e incomensuravelmente maior que o dos trisavós (que tinham uma «loucura» de filhos). Se estes últimos, na sua «ignorância» viviam com muitos filhos (certas teorias justificavam este número elevado com a perspectiva de um investimento de longo prazo que o casal realizava), por outro lado, tenho praticamente a certeza de que não viviam mais aborrecidos ou infelizes que o casal de hoje – antes pelo contrário! Porquê então este epíteto de «loucura»? Só se entende se for com a melhor das intenções – ontem, como hoje, só se deve casar quem ama realmente e o Amor sempre será uma «loucura» porque escapa a uma certa e limitada racionalidade (que não é Racionalidade¹²) que só pondera custos e benefícios tangíveis e imediatos.

Esta confissão traz-nos à discussão o problema da Inveja. Tradicionalmente, o Invejoso é aquele que só é feliz quando não tiver comparação. Na modalidade mais caricata, inveja-nos (princiando por cobiçar-nos¹³) os ténis vermelhos ou a camisa às riscas. Nas modalidades mais subitas, quer ter a nossa família, a nossa vizinhança, o nosso curso, o nosso reconhecimento, os nossos periquitos, a vitória do nosso clube. Como só é feliz se tiver isso tudo, nunca é feliz. Ao contrário do soberbo, o invejoso sobrevaloriza o que temos e o que somos e desvaloriza o que tem e, sobretudo, a sua própria grandeza enquanto ser.

Se me pedissem para pintar o Inferno, entregava uma folha em branco. Acredito que o Inferno é esse lugar onde os que não se suportavam e os que não suportavam os outros podem vir a parar. Uma pessoa invejosa, em última análise, só no Inferno é «feliz» – aí, sem expressão, sem contacto, mas com percepção, evita olhar para o do lado e querer alguma coisa dele.

Na Ciência, somos invejosos quando queremos o currículo dos outros, o seu trabalho, os artigos onde os outros são citados, o seu prestígio. Como Caim quando olhou Abel, não nos contentamos com as nossas sementeiras e queremos ter o rebanho do outro. Em consequência, iramo-nos contra ele, matamo-lo e fugimos – ficam as sementeiras a apodrecer na terra e o rebanho dispersa-se. Em Ciência, não precisamos de procurar objectos de pesquisa brilhantes, mas precisamos sim de brilhar no «nosso» objecto de pesquisa, através do nosso esforço. Uns produzem 10, outros 50, outros 100. É normal. O que é especial é a situação dos que produzem 10 invejarem os 50 dos outros.

A Ciência avança, nas diversas disciplinas, nos diversos campos, nas várias correntes de pensamento, nas variadas propostas metodológicas, com o pequeníssimo avanço de cada um. De cada Cientista. De cada Departamento. De cada Escola. De cada Faculdade. De cada Universidade. Isto não invalida a procura incessante de aperfeiçoamento que todos devem almejar (contrariando certa preguiça de que falaremos a seguir). Mas não precisamos de «querer ser como o outro». Em última análise, se A quer ser como o B, o B como C e o C como A, neste jogo de invejosos, mudam as características e fica a inveja, porque o A fica B e o B fica C e o C fica A. Em contrapartida, se o A crescer para A+, o B para B+ e o C para C+, o conjunto ficou maior e mais forte. Estamos a concluir, pois, que a Inveja traz a estagnação e a mediocridade. Em contrapartida, a aceitação das diferenças comporta crescimento.

Recordemo-nos daquela famosa história dos membros do corpo humano. Como as mãos passaram a invejar o estômago, não lhe deram de comer e o organismo feneceu. Façamos todos o nosso trabalho o melhor que saibamos e todos, de certeza, ficarão melhores.

8. A Preguiça

Só compreendi o quanto era preguiçoso quando, numa dada confissão, depois de acusar os pecados cometidos, o confes-

¹¹ Ainda que careça de precisão o termo usado de «Casamento», assim como de confirmação estatística a afirmação dada, existe um longo manancial de referências bibliográficas que podem ser consultadas sobre o tema, validando a afirmação para um período observado mais restrito (a partir do século XVIII na generalidade dos países europeus). Para o efeito, consultar, entre algumas referências, *Marriage and Divorce Statistics - Historical Series*, National Statistics, United Kingdom, 2005, disponível a partir de <http://www.statistics.gov.uk/statbase/xsdataet.asp?vlink=5277&More=Y> ou F. Amaro, «A Família Portuguesa, *Cidade Solidária*, n.º 14 (2005) 100-103.

¹² Duas referências muito interessantes sobre a Racionalidade na qual se baseia a maioria das Ciências Sociais para estudarem o comportamento humano e os seus enfiamentos são J. Elster, *Sour Grapes: Studies in the Subversion of Rationality*, Cambridge University Press, 1983 e H. Simon, «A mechanism for social selection and successful altruism», *Science* 250 (1990) 1665-1668.

¹³ Z. Venturi, «Inveja – pecado universal», *Notícias Magazine* (2.10.2005), refere que a cobiça pode ser identificada com o desejo de ter o que o outro tem enquanto a inveja é associada ao desejo que o outro não tenha. Consideri, neste trabalho, que a inveja é o superlativo da cobiça, portanto, aquela inclui esta.

sor me perguntou: «E pecados por omissão?». Pensei que ele se estaria a referir a pecados feitos às escondidas e disse-lhe que já lhos tinha confessado. Voltou a perguntar: «E pecados por omissão?». E completou «Boas acções que devesse ter feito e que não fizeste?». Aí, pensei e, a pouco e pouco, lá me ia recordando de um largo conjunto de coisas boas que podia ter feito e que, por preguiça, não tinha feito.

Quando nos tornamos preguiçosos, tornamo-nos escravos da situação. Não queremos agir – tudo está bem como está. Quando nos tornamos preguiçosos, detestamos o aperfeiçoamento, o completar da obra, o avanço de um projecto. Pensamos que podemos adiar para amanhã o que podemos hoje fazer. Pensamos que sobra sempre tempo para fazer, que os outros farão por nós, que não somos importantes nem precisos e que portanto tudo se cumprirá.

A preguiça pode atacar um cientista. Essa terrível «doença» ataca-o quando ele ou ela têm «medo». «Medo» de se embrenharem por aquele projecto tão complexo, «medo» de escreverem determinado artigo, «medo» de proporem novas ideias, caindo na crítica (como vimos, nem sempre amiga), «medo» de adiarem o envolvimento rápido da carreira porque aquele projecto pode consumir demasiados recursos sem um reconhecimento final compensador. E este medo pode obscurir, em última análise, o avanço da Ciência. Como também Mourão disse ¹⁴, se faltar o grito de alguém, a voz da multidão enfraquece. Se faltar a contribuição de cada um, a Ciência perde. Porque, reconheça-se, a preguiça contagia.

Outra manifestação típica da preguiça científica é o contentamento em verdades parciais, redutoras. Quando aqui se chega, geralmente pensa-se: «Isto já está bom. Não vamos melhorar...». Depois, cometem-se demasiados erros, desde conclusões enviesadas, raciocínios deturpados ou deduções latas a partir de um número reduzido de observações.

Em contrapartida, o cientista diligente (não sendo sinónimo de hiperactivo) é aquele que avança, que constrói, que desenvolve, que pesquisa, que analisa, re-analisa e volta a analisar, que testa e volta a testar, que pede a opinião dos

outros, que emite a sua, que age. Sabe que o seu contributo não é muito ou pouco importante – é, simplesmente, importante. Não tem medo de errar porque, apesar do erro, sabe que este, apontado e corrigido, é ultrapassável. Também não se sente que é escravo do trabalho ou que é avaro – como já se referiu, o verdadeiro Cientista preza o repouso, enquanto fonte de energia potencial, e o lazer, como fonte de alargamento da sua pessoa. Mas, recordando o denunciado, não são escravos do repouso (preguiçosos) nem do lazer (luxuriosos).

O objectivo último será sempre o de Alguém conhecido: depois de «trabalhar» seis dias, descansou ao sétimo e julgou «Que tudo era bom, muito bom». A Ciência ajuda-nos a perceber esse juízo.

9. Breve conclusão

Este trabalho debruçou-se sobre os erros dos Cientistas. Não tanto os erros metodológicos, amplamente discutidos, mas, essencialmente, sobre os erros que eles, enquanto pessoas, podem cometer entre si – quando se erra com o outro, pecamos contra ele.

Trata-se, eminentemente, de uma reflexão pessoal baseada em observações dispersas sobre o próprio comportamento ou o de outros colegas, no desempenho das suas actividades científicas. Mas serve, sobretudo, para ponderar o comportamento de tantos e tantas, ligados à Ciência, de modo a que, sendo melhores, o sejam também enquanto Cientistas.

O trabalho observou, frequentemente, que os Cientistas também pecam. Pecam na Ciência. Pecam contra os outros Cientistas. Pecam contra si. Pecam contra Deus. Não serão, na maioria das observações, delitos maiores que exijam penas reparadoras bíblicas, mas são, sobretudo, falhas diárias, corretas, que enviesam, em última análise, a própria Ciência. Porque uma Ciência menos pecadora será, decerto, uma Ciência mais verdadeira.

Assim, na Secção 2, registou-se que o Cientista soberbo é o que se julga superior, nalgum dado momento, ao outro;

¹⁴ P. Mourão, *O Senhor de Foz e Outros*, Porto, Ambar, 2002.

o Cientista humilde procura sempre compreender o outro. Na secção 3, verificou-se que o Cientista avarento é aquele (ou aquela) que se esquece da multidão de dons que dispõe para endeusar a sua actividade e que o Cientista liberal (neste contexto) é aquele que se dá, como Cientista mas também nas outras qualidades humanas, aos outros. Na secção 4, reconheceu-se que o Cientista luxurioso é sedento da sensação e que o Cientista casto valoriza o esforço contínuo. Na secção 5, comentou-se que o Cientista irado goza ao destruir o outro e o seu trabalho; ao invés, o Cientista paciente preza o outro e o seu trabalho. Na secção 6, referiu-se que o Cientista guloso prefere o prémio fácil, ao contrário do Cientista temperado que, persistentemente, desenvolve o seu trabalho, reconhecido pelo estímulo e não abatido pelas dificuldades. Na secção 7, criticou-se o Cientista invejoso que cobiça o trabalho do outro; em contrapartida, o Cientista amigo (caridoso) aceita-se como é, com potencialidades e limitações próprias, assim como aceita o outro. Na secção 8, observou-se o Cientista preguiçoso, enquanto amedrontado e passivo; o Cientista diligente dignifica o trabalho, prezando todas as suas horas.

Resta saber que homens e mulheres da Ciência pretendemos ser.

Entre os filhos da América: Os Guarani e a Terra sem Males

Valmir Francisco Muraro*

*Quando a Terra-mãe era nosso alimento
Quando a noite escura, formava o nosso leito,*

Quando o céu e a lua eram nossos pais,

Quando todos éramos irmãos e irmãs,

*Quando nossos caciques e anciãos eram grandes líderes,
Quando a justiça dirigia a lei e sua execução,*

Ai outras civilizações chegaram!

Com fome de sangue, de ouro, de terra e de todas as riquezas;

Trazendo numa mão a cruz e na outra a espada, sem conhecer

*Ou querer aprender os costumes de nossos povos, nos classificaram abaixo dos
animais, roubaram nossas terras e nos levaram para longe delas;*

Transformando em escravos os filhos do sol.

Entretanto não puderam nos eliminar e nem fazer esquecer o que somos...

E mesmo que nosso universo inteiro seja destruído

Nós sobreviveremos por mais tempo que o império da morte!

(DECLARAÇÃO SOLENE DOS POVOS INDÍGENAS

PORTO ALBERTINI, 1975)

Introdução

Nasceram com os primeiros contactos entre os povos ibéricos e a América preconceitos que o tempo e o conhecimento ainda não conseguiram superar por inteiro. Termos como «descobrimientos» e «novo mundo» moldaram a convicção, entre os europeus, de que as florestas e campos localizados nos trópicos eram habitados por seres bárbaros, selvagens e antropófagos. Ainda na segunda metade do século XVI se duvidava da sua humanidade.

Os sábios da grande civilização cristã «descobridora» descreviam que os indivíduos que, equivocadamente chamaram de índios, fossem portadores de alma ou habilidades próprias da razão ou do espírito. Portanto, urgia a missão de civilizá-los e convertê-los ao caminho que conduz à salvação. Os resultados

Procura de entendimento dos hábitos e crenças religiosas tradicionais dos Guarani, que ajudarão a explicar, a partir também de muitas incompreensões colonialistas da sua singularidade e riqueza religiosa, o falhanço da evangelização cristã e a sobrevivência até ao presente da identidade desse povo, assim como as dificuldades por que passa hoje a continuidade do modo de ser e de viver Guarani, todo baseado numa religiosidade em que o mito da Terra sem Males é central.

* Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.